

Campanha presidencial começa polarizada

Fernando Henrique e Lula despontam à frente de grandes alianças e isolam outras candidaturas

RICARDO AMARAL

BRASÍLIA – Começou finalmente a primeira campanha presidencial brasileira com direito a reeleição para um dos candidatos. As pesquisas disponíveis indicam uma provável disputa, no segundo turno, entre o presidente candidato Fernando Henrique Cardoso (PSDB) e o candidato das esquerdas, Luiz Inácio Lula da Silva (PT). “O quadro é de polarização entre as duas principais candidaturas”, constata o sociólogo Marcos Coimbra, diretor do instituto de pesquisas Vox Populi. “Para romper com isso, seria necessário que o candidato do PPS, Ciro Gomes, superasse a barreira do desconhecimento nas camadas mais amplas do eleitorado.”

O dado que jogou nas ruas a discussão eleitoral foi a divulgação da última pesquisa Vox Populi, indicando a polarização entre Fernando Henrique, em queda, e Lula, em ascensão nas capitais e municípios com mais de 50 mil habitantes. De acordo com o Vox, a distância entre os principais candidatos é de apenas nove pontos percentuais. O Ibope confere ao presidente uma folga de 15 pontos para Fernando Henrique, mas confirma a direção descendente de sua curva de votos. O primeiro instituto mostra que a rejeição a Fernando Henrique supera a de Lula. O segundo mostra que a aprovação ao governo despenca e é quase igual à aprovação.

A divulgação das pesquisas



FHC: uma nova família de moedas



Lula: críticas à estratégia cambial

coincide com a arrumação final das principais candidaturas. Lula conseguiu impor a seu partido uma política de alianças inédita na história do PT e das esquerdas em geral. Agora que conseguiu o que queria, está livre para botar o bloco na rua. “Vou começar fazendo um recorrido pelo Nordeste, junto com o Brizola”,

anuncia o petista, com o sotaque gaúcho do vice, o ex-governador Leonel Brizola (PDT).

Fernando Henrique voltou da Europa ontem e reúne-se nesta segunda-feira com o presidente do PSDB, senador Teotônio Vilela Filho (AL), para acertar os detalhes da largada.

“A contagem regressiva já começou”, confirma Vilela. “Precisamos apenas concluir a votação, em segundo turno, da reforma da Previdência da Câmara para deslanchar a campanha.” Formalmente, isso vai acontecer na convenção nacional do PSDB, que deve ocor-

rer no dia 20. O segundo ato será uma grande festa, em 1.º de julho, para comemorar o quarto aniversário do real, com o lançamento de uma nova família de moedas, para reavivar entre os eleitores a memória dos tempos ruins de inflação e do candidato que a derrotou.

O discurso da estabilidade estará no centro das duas campanhas. “Vamos recordar sua importância, pois a moeda é emblemática, mas lembrando também que o País precisa de mudanças e Fernando Henrique é o candidato capaz de promovê-las”, diz Teotônio Vilela Filho. Lula não repetirá o erro de criticar o real, como em 1994, mas tentará desqualificar o adversário. “Quem ameaça o real é Fernando Henrique, pois não há estabilidade que resista à aposta feita por ele numa política de câmbio desastrosa e na dependência de capitais aventureiros”, estoca o petista.

Coligações – Os dois candidatos entram na campanha apoiados por gigantescas alianças partidárias. Lula conseguiu reunir ao PT o PDT de Brizola, o PSB de Miguel Arraes e o PC do B, com a possibilidade de atrair também o PV e o PCB, deixando isolado

o PPS de Ciro Gomes. “O Ciro nem é de oposição”, desdenha Lula. “É um dissidente do governo, como diz o Arraes.” Fernando Henrique ampliou a aliança de 1994, entre PSDB, PFL e PTB, trazendo agora o PPB e contando como certa a adesão do PMDB. Será uma administração difícil para o presidente, pois apenas no Rio Grande do Sul e talvez no Rio os aliados estarão juntos nos palanques estaduais. O fim da votação das reformas, porém, dá mais mobilidade ao presidente candidato, na avaliação de seus assessores.

Lula prefere a polarização precoce da campanha, ao ponto de não se incomodar com a adesão do PMDB ao governo. O PT já está fazendo contatos com os dissidentes do partido, como o ex-presidente Itamar Franco e o senador Roberto Requião (PR). “Uma coisa é o Lula criticar o go-

verno, outra, bem diferente, é o Itamar Franco fazer isso”, calcula o candidato petista.

O governo pretende explorar os pontos fracos da frente de esquerda, que além dos partidos inclui movimentos sociais como a CUT e o Movimento dos Sem-Terra (MST). “O PT terá de explicar na campanha seu apoio às ações violentas do MST, que a cada dia perdem a simpatia da população por seu caráter autoritário”, avisa um dos assessores mais próximos do presidente. Sintonizado com essa linha de campanha, Fernando Henrique condenou como “baderna” a manifestação das oposições de quarta-feira em Brasília. Mais do que isso, aposta em ações positivas para recuperar os pontos perdidos e tirar o governo “do fundo do poço”, que ele acredita ter sido revelado pelas pesquisas das últimas semanas.



CIRO AINDA
É POUCO
CONHECIDO
PARA AMEAÇAR